

# ANTROPOFAGIA CULTURAL BRASILEIRA E AS INVENÇÕES DE HÉLIO OITICICA - CONTRIBUIÇÕES INTERCULTURAIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS)

Ivete Souza da Silva – UFSM-PPGE

## RESUMO

Esta pesquisa objetiva contribuir teórica e epistemologicamente para a formação de professores de maneira geral, em particular para as artes, a partir de pressupostos da Antropofagia Cultural Brasileira (ACB) e das invenções de Hélio Oiticica (H.O), numa perspectiva intercultural de educação. Encontrar alternativas para lidar com a diversidade cultural presente no espaço escolar, considerando a complexidade de suas relações é um dos tantos desafios colocados à formação de professores. A ACB, através do processo de *devoração* e *criação*, e a ideia de participação e experimentação de H.O, propõem um diálogo entre o diferente, entre o novo e o velho, buscando um (des)acomodar de ideias e atitudes para a construção de uma perspectiva intercultural de educação.

**Palavras-chave:** Educação Intercultural, Antropofagia Cultural Brasileira, Hélio Oiticica, Formação de Professores.

## ABSTRACT

This research aims to contribute to theoretical and epistemological training of teachers in general, particularly for the arts, from Brazilian Cultural assumptions of anthropophagy (ACB) and the inventions of Hélio Oiticica (HO), an intercultural perspective in education. Find alternatives to deal with the cultural diversity present in the school, considering the complexity of their relations is one of many challenges for teacher training. The CBA, through the process of devouring and creation, and the idea of participation and experimentation with HO, proposing a dialogue between the different between new and old, seeking a (dis) accommodate ideas and attitudes to build an intercultural perspective education.

Key Words: Intercultural Education, Cultural Antropofagia Brazilian, Helio Oiticica, Teacher Training.

## Introdução

Vivemos hoje um período de intensas transformações, em que a sociedade ganha novas configurações. Se em algum momento da história as certezas e verdades tiveram um espaço privilegiado, hoje, já não podemos fazer tal afirmação. Estamos, constantemente, sendo desafiados pelo novo, o inusitado, o diferente. O processo de mudança é, sem dúvida, necessário, porém, a rapidez com que tem acontecido acabou por gerar inúmeras inseguranças e desconstruções em torno de

conceitos que nós, homens e mulheres, tínhamos como certos e inquestionáveis. Outras leituras de mundo passam a ganhar espaço, um espaço que talvez em outro tempo da história, tenha sido negado a diferentes pessoas e culturas. No entanto, é importante salientar que as transformações ocorridas na sociedade, repercutem no espaço escolar e, conseqüentemente, na sua cultura, pois este é constituído das mesmas pessoas que estão criando e recriando conceitos, desconstruindo e construindo valores. Diante da construção desse outro cenário, que ora se apresenta, o contexto educativo escolar vive em meio a um conflito, e desafio, que é o de construir alternativas para lidar com a diversidade presente em seu espaço. Daí a necessidade de pensarmos a formação de professores(as), já que este lida diretamente com tal heterogeneidade, pois cada educando trás consigo sua cultura, carregada de saberes e fazeres. Na escola, muitos encontros e confrontos são iniciados. Muitas relações são estabelecidas e construídas, pois nela, passamos um grande período da nossa vida. Se, como afirmava Boal (2009) “um novo mundo é possível: há que inventá-lo”, peço licença ao autor e reinvento suas palavras afirmando que uma nova, ou outra, educação é possível: basta inventá-la.

A escola é um dos espaços da educação, no qual as mais diversas culturas se encontram e se atravessam, constituindo-se em um espaço formador e transformador de saberes diversos. Nesse sentido, Fleuri e Souza (2003: 65), ao pensarem as questões culturais a partir de uma educação intercultural nos chamam a atenção para o fato de que, “a relação entre educação e cultura(s) não pode mais se limitar ao âmbito dos conteúdos culturais, ou do currículo escolar”, pois, há que se considerarem as relações entre os diferentes sujeitos, e a forma como os mesmos as “agenciam”. São nos encontros/confrontos de culturas e valores que as diferenças aparecem. Aos poucos o espaço escolar tem buscado criar alternativas para o entendimento de questões que o desafiam, porém, este, ainda tem um longo caminho a percorrer. Conviver neste espaço exige de nós homens e mulheres, muitas vezes, o exercício de alguns princípios ecologistas, como o respeito, o acolhimento, o cuidado e a aceitação do outro (MATURANA, 2002).

A necessidade de reflexão e diálogo sobre as relações interculturais se fazem cada vez mais necessárias, ao pensarmos uma educação comprometida com a vida. A cada dia se torna mais intenso o convívio entre as diferentes culturas, e essa necessidade de convivência entre os desiguais (CANCLINI, 2003, 2006) vem

provocando, o que Hall (1997) chama de descentralização das identidades culturais. A escola, por ser um dos espaços de socialização vive em meio a essa “turbulência”. Todas essas questões entram na escola e nós, educadoras e educadores, somos desafiados/convocados a buscar alternativas para lidarmos com elas. No entanto, o que ocorre é que nossas ideias, muitas vezes, ainda presas a certezas e verdades dificultam um olhar livre para as mudanças e transformações que acontecem ao nosso redor, bem como para as diferentes pessoas e culturas que compõem esse espaço. Fazendo com que ajamos muitas vezes de forma descontextualizada, copiando modelos já prontos e acabados que, em nada, ou muito pouco, provocam sentido ou significado para as pessoas envolvidas no espaço educativo. Tal prática acaba colocando o educando em uma posição de espectador do conhecimento, esquecendo-se dele enquanto participante e construtor de seu conhecimento, como de fato é. Evidentemente, esta prática não é comum a todos e a todas os(as) educadores(as), porém, é uma questão que se apresenta no contexto de algumas realidades, e que me inquieta quando penso a relação da educação e da formação de professores(as) com o mundo que está fora da escola, fora de nossas salas de aula. Esses mundos, são mundos diversos, levados para o espaço da instituição formal por todos e todas os educandos(as) e educadores(as), através da forma como cada um faz a “sua leitura do mundo” (FREIRE, 2003), e, também, da forma como estabelecem as relações, dentro desse espaço.

As ideias antropofágicas propostas por Oswald de Andrade (1890-1954) por meio do Movimento Antropofágico, bem como, as invenções de Hélio Oiticica nos convidam a criação e a invenção de práticas educativas que valorizem os saberes, fazeres e experiências das pessoas envolvidas no processo educativo. Tal prática permite com que o educando saia da posição de espectador, como propõe Oiticica (2009) e, passe a assumir o lugar de experimentador e autor da construção desse espaço e, conseqüentemente de seu conhecimento. Dessa forma, é no sentido de contribuir para a possibilidade de construção de uma perspectiva intercultural de educação, que busque considerar a diversidade presente em seu espaço, bem como a complexidade das relações estabelecidas entre elas, que esta pesquisa atua. Para tal, nada mais oportuno que buscar contribuições teóricas e epistemológicas para a formação de professores(as) em geral e, em particular no que tange as artes visuais, nas proposições da Antropofagia Cultural Brasileira, década de 1920, Pós Semana

de Arte Moderna, e também nas invenções do artista plástico Hélio Oiticica, principalmente em sua Série de Obras Parangolé.

### **Antropofagia Cultural Brasileira e as Invenções de Hélio Oiticica: os fios soltos do experimental...**

São Paulo, 1922, teatro municipal, 11 a 18 de fevereiro. É neste período que acontece a Semana da Arte Moderna e que as ideias antropofágicas são apresentadas ao mundo, tendo como precursores Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Mario de Andrade, Raul Bopp, Menotti del Piccha, entre outros. Esse movimento teve em seus princípios dois pressupostos, os quais merecem ser pensados para a educação, principalmente no que se refere à Formação de Professores(as) de maneira geral, e às Artes Visuais em particular, são eles: a criação e a devoração.

O nascimento das ideias filosóficas da antropofagia oswaldiana iniciou-se após a Semana de Arte Moderna (1922) com o *Manifesto Poesia Pau-Brasil* (1924), mais tarde sendo retomada através do *Manifesto Antropófago* (1928). Porém os estudos e/ou devorações de Oswald não cessaram por aí. O autor deu continuidade às ideias antropofágicas defendendo-as como Tese para o concurso da cadeira de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1950. Os antropófagos buscavam, através da devoração das riquezas étnicas e culturais do povo brasileiro, a criação de uma arte com raízes brasileiras. Uma arte que tivesse como material principal de sua essência criadora e criativa - além das riquezas naturais do Brasil - a cultura, os costumes e os valores de todos os povos habitantes e construtores do Brasil. A Antropofagia Cultural Brasileira pensava, através da arte, apresentar o Brasil aos estrangeiros, como muito bem afirmava Oswald de Andrade em entrevista a Joaquim Inojosa, para o Jornal do Comércio: “depois, meu caro, temos que apresentar o Brasil aos estrangeiros. Como, porém? Copiando deles e mal copiado? Trabalharemos por um Brasil brasileiro e característico” (ANDRADE, 1990: 36). Pretendiam os antropófagos criar e apresentar uma cultura brasileira, formada por meio da devoração de todas as raças que contribuíram para a formação dessa terra e dessa gente. O princípio da antropofagia

não era ignorar o novo, muito menos, desconsiderar o velho. Para construir um “Brasil característico” era preciso considerar/entender/valorizar a cultura e a realidade vivida em cada cenário brasileiro. Não tínhamos que importar ideias vindas de “além mar” (BARCELOS e SILVA, 2007), sem nada a oferecer para as necessidades da nossa terra. Seria preciso escolher apenas o que interessava-nos, de acordo com nossas necessidades, vontades e desejos. Para tal discernimento bastava apenas uma atitude: *Devorar*. Devorar para criar. Destruir o velho saber para construir em cima, utilizando-o como matéria prima do novo, conforme sugere Maltz (1993) ao falar sobre o princípio antropofágico.

Muito mais que uma crítica à arte que vinha sendo produzida no Brasil, que apenas copiava em suas telas, literatura, teatro, artes em geral, os costumes e valores europeus sem contextualização, a antropofagia sugere uma outra forma de olhar e pensar o mundo. A função antropofágica do comportamento psíquico, segundo seu criador, reduz-se a duas partes: “1) totemizar os tabus; 2) criar novo tabu em função exogâmica” (ANDRADE, 1990:53). Tal pensamento além de propor a devoração, a (re)(des)construção do desconhecido, sugere, através da “função exogâmica”, o casamento/cruzamento entre os estranhos, os diferentes para, a partir dessa relação antropofágica, nascer o novo, o inusitado, o qual não deve ser dado como certo e finito, mas, como algo que deve ser constantemente totemizado e recriado. Metafisicamente falando, o rito antropofágico está ligado a “transformação do tabu em totem” (ANDRADE, 1972: 78), a desconstrução de ideias prontas, e o conhecer/devorar do novo e do diferente. É através da “transformação do tabu em totem”, da *devoração/deglutição* do que lhe é estranho que o pensamento filosófico da Antropofagia Cultural Brasileira traz uma outra forma de perceber e construir o mundo. É um pensar livre, sem imposições ou restrições. Livre para andar e para criar.

Comer, devorar, deglutir, mastigar, são os procedimentos antropofágicos para a criação. São esses exercícios que os pressupostos de devoração e criação da Antropofagia Cultural Brasileira sugerem, para a formação de professores(as). É ele, o exercício antropofágico, que possibilitará a criação de caminhos novos, de caminhos próprios, construídos por todos os sujeitos de cada espaço educativo. O pensamento antropofágico sugere um olhar livre. Somente, vendo com olhos livres que homens e mulheres poderão criar e entender as diferentes formas de expressão

do mundo. Como sabiamente dizia o antropófago Oswald de Andrade (1924), “Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres”. O homem só come aquilo que gosta, afirmava Oswald, porém, por vezes, me parece que nós, educadores e educadoras, comemos muitos pratos indigestos. E são eles, os pratos indigestos, que nos induzem a optar, muitas vezes, pelo caminho da cópia e não o da criação e da devoração. Logo, para pensarmos e de fato construirmos, uma educação intercultural é necessário escolhermos nossa comida. Olhar com olhos livres e, assim, escolher sem medo o que queremos comer, devorar, deglutir, mastigar. É desse processo que surge a criação antropofágica. Comer só o que interessa. Devorá-lo e cuspir fora o que não serve. Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago. (ANDRADE, 1928).

As ideias e as práticas antropofágicas não ficaram apenas no fazer dos antropófagos da década de 1920. Elas se disseminaram pelo mundo. Foram *devoradas*! Um exemplo de tal *devoração* é o movimento tropicalista ocorrido na década de 1960. Este constituiu-se em uma tendência que se manifestou em vários campos da cultura nacional, e dentre as tantas personalidades que representaram este movimento estava o artista plástico Hélio Oiticica. Vale lembrar, que também foram participantes: Glauber Rocha no cinema novo; e Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Torquato Neto, Capinam, Gal Costa, Nara Leão, maestro Rogério Duprat, entres outros, no campo da música, que tornou mais conhecida esta tendência.

O “Movimento Tropicalista”, como comumente nos referimos, foi segundo Nelson Motta, “(...) uma série de ideias esparsas que anota certas tendências e determinada visão da realidade brasileira” (MOTA, sem ano; apud, NEVES, 2009). Hélio Oiticica, no entanto, foi o primeiro a usar a expressão *Tropicália*, em 1966, por meio de um projeto ambiental (NEVES, 2009), nome que mais tarde foi atribuído à música composta por Caetano Veloso. Na obra *Tropicália*, Hélio buscava representar o ambiente dos morros cariocas, onde viveu durante alguns anos. Esta consistia em uma instalação ou, como chamou Oiticica, uma obra “*Penetrável*”, composta de um labirinto com plantas, pássaros, capas de *Parangolé* – obra também composta por Hélio Oiticica - e tudo o que lembrasse o Brasil. Depois de *penetrar* por toda a extensão do labirinto o(a) visitante deparava-se com uma televisão. A intenção do autor era, assim como o movimento antropofágico, romper com o que estava instituído tanto em relação à arte brasileira, na qual

predominavam composições bidimensionais em que o público apenas “apreciava” as obras prontas e terminadas, como também, no que diz respeito à construção de uma cultura onde aquilo que é nosso pudesse ser valorizado e conhecido, sem que para isso, precisássemos ignorar o que nos fosse estranho. “A Tropicália veio contribuir fortemente para essa objetivação de uma imagem brasileira total, para a derrubada do mito universalista da cultura brasileira, toda calcada na Europa e na América do Norte<sup>1</sup>”. Helio Oiticica em um ensaio intitulado Tropicália, escrito em Março de 1968 e publicado em uma coletânea de nome *Encontros* (2009), que reúne em um de seus exemplares algumas das produções tropicalistas, traduz sua criação e a intenção que tinha com ela, da seguinte forma:

Na verdade, quis eu com a Tropicália criar o mito da miscigenação – somos negros, índios, brancos, tudo ao mesmo tempo -, nossa cultura nada tem a ver com a européia, apesar de estar até hoje a ela submetida: só o negro e o índio não capitularam a ela. Quem não tiver a consciência disso que caia fora. Para a criação de uma verdadeira cultura brasileira, característica e forte, expressiva ao menos, essa herança maldita européia terá de ser absorvida, antropofagicamente, pela negra e índia da nossa terra, que na verdade são as únicas significativas, pois a maioria dos produtos da arte brasileira é híbrida, intelectualizada ao extremo, vazia de um significado próprio. (OITICICA, 2009, p. 102).

Sua experiência nas favelas do Rio de Janeiro inspirou tanto a construção da *Tropicália*, como também, da série de obras *Parangolé*. Oiticica foi buscar no linguajar popular, na gíria do sambista malandro do morro carioca, da década de 50, essa palavra que queria dizer algo como *jogar conversa fora*, *bater um papo* sem compromisso. A série de obras *Parangolé* consistia em uma espécie de capa, estandarte ou bandeira que para existir deveria ser vestida, sentida e tocada. O *Parangolé* completava-se no movimento e no gingado do corpo de cada pessoa que o usava, sendo, assim, sempre diferente. Sempre Único. O *Parangolé* é, para os pesquisadores e pesquisadoras das *invenções* de Hélio Oiticica, a maior *criação* do autor. O auge de sua construção experimental e criativa onde este junta na mesma obra, cor, luz, movimento, textura, forma, experiência, passando da criação do objeto para a proposição vivencial do corpo (ASBURI, 2008; FAVARETO, 2002;

---

<sup>1</sup> Citação publicada na Revista *Cult* por Denise Góes, 111, ano 10, p. 31. Retirada de um texto publicado por Hélio Oiticica em 1968, na qual a fonte a autora não menciona.

SPERLING, 2008). O parangolé configura-se, como afirma Hélio Oiticica, na “antiarte por excelência”:

(...) é a formulação definitiva do que seja a antiarte ambiental, justamente porque nessas obras foi-me dada a oportunidade, a ideia de fundir cor, estruturas, sentido poético, dança, palavra, fotografia – foi o compromisso definitivo com o que defino por totalidade-obra [...]. Chamarei, então, *Parangolé* de agora em diante a todos os princípios definitivos formulados aqui, inclusive o da não-formulação de conceitos, o que é o mais importante. Não quero e nem pretendo criar como que uma “nova estética da antiarte”, pois já seria isso uma posição ultrapassada e conformista. (FAVARETO, 2002: 122)

O processo de desconstrução criativa de Oiticica passa por diversas fases<sup>2</sup> construindo-se e desconstruindo-se artística e intelectualmente. Oiticica constrói, com a ideia do parangolé, mais que uma obra de arte, cria um “programa ambiental”, como ele mesmo afirma (OITICICA, 1986), onde as experiências, os saberes e fazeres dos participantes são os elementos que dão origem e vida à obra. Nesta proposta de produção, o público passa de espectador para participante e constituidor da obra, assim, “sujeito e parangolé formam um todo centrífugo, que extravasa para o externo, em limites fluidos desenhados pela experiência” (SPERLING, 2008, p. 120). A partir do conjunto de suas obras experienciais (Os *Núcleos*, os *Penetráveis*, os *Bólides*<sup>3</sup> e os *Parangolés*), Oiticica constrói mais tarde o que ele chama de *Manifestações Ambientais*. Essas são, segundo Favareto (2002, p. 123), “lugares de transgressão”, onde, “o ambiental é o resultado da liberação do ilusionismo, detonado pelo projeto de transformar o quadro em estrutura ambiental. A trajetória de Hélio é a experiência dessa abertura”. As principais características das ideias contidas na obra *Parangolé* em especial, e nas *Manifestações Ambientais* em geral, são a da possibilidade de criação e invenção a partir da valorização das particularidades de cada espaço e indivíduo. Outra característica é o ato de rompimento com as ideias cristalizadas e cadaverizadas que impedem o movimento de metamorfose da vida. O parangolé é a desinibição intelectual, a livre expressão

---

<sup>2</sup> São exemplos dessas (des)construções artístico-intelectuais que levaram ao processo de criação do Parangolé: *Metaesquemas*; *Bilaterais*; *Invenções*; *Relevos Espaciais*; *Núcleos*; *Penetráveis*; *Bólides*.

<sup>3</sup> Para saber mais sobre essas obras ver A Invenção de Hélio Oiticica de Celso Favareto. Editora EDUSP, FAVEST. São Paulo, 2008 ou 2000 conforme referência.



do corpo e da mente. Ou como diria Oswald de Andrade: *ver com olhos livres*. Pois, não existe *nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo...*

*Só existe o grande mundo da invenção. (OITICICA, 2009).*

### **Contribuições interculturais para a formação de professores(as)...**

*Oswald era de opinião que se precisava firmar postulados, para conduzir o movimento com novos critérios. Para isso, cogitava da preparação de um retiro de alguns dias, na fazenda de café de Tarsila, de ambiente tranquilo. De acordo com conclusões a que chegasse o grupo, seria oportunamente convocado um congresso, de ressonância nacional, para debates de teses. O secretário de Educação do Estado do Espírito Santo (não me lembro o nome), que assistia, casualmente, a essa formulação de planos, entusiasmou-se pelas ideias de “um Brasil mais autêntico”. Sugeriu que o Primeiro Congresso Mundial de Antropofagia fosse realizado em Vitória. Os seus membros seriam hóspedes do estado. Marcou-se a data para a realização desse encontro. Oswald propôs que fosse a 11 de outubro (o último dia da América livre. Dia seguinte chegou Colombo...).*  
(Congresso, Raul Bopp, Vida e morte da Antropofagia, 2008).

Como se pode perceber, na epígrafe acima, não fossem alguns percalços de cunho “amoroso” para desajustar o “ambiente doméstico”, como se refere Raul Bopp, teríamos tido o *Primeiro Congresso Mundial de Antropofagia*. Seria essa a primeira aproximação entre as ideias antropofágicas oswaldianas e a Educação? O que fazia lá, “casualmente”, o secretário de Educação do Estado do Espírito Santo? Iria ele – o secretário de Educação - *devorar* as ideias antropofágicas para criar uma educação “autêntica”? Eis a questão?! O fato é que a antropofagia, ao contrário do que temia Raul Bopp, de que suas ideias ficassem, apenas, “anotadas nos obituários de uma época”, não enterrou suas ideias. Após algum tempo de “retiro espiritual”, continuou a gozar de pura saúde nos mais variados espaços por meio de movimentações sociais e culturais. A arte, a literatura e, porque não dizer, também, a educação de uma maneira geral, são “entre lugares” (BHABHA, 2003) que mantiveram vivas as ideias antropofágicas. E Hélio Oiticica soube muito bem fazer isso! Logo, se naquela época o encontro foi interrompido, hoje podemos fazer uma devoração inventiva e antropofágica dessas ideias para a construção de nossas práticas educativas buscando a edificação de uma educação com perspectivas interculturais. Uma perspectiva intercultural de educação implica, segundo Fleuri

(2002, p. 78), mudanças profundas na prática educativa, pois estas devem oferecer oportunidades educativas a todos, respeitando e incluindo a diversidade de sujeitos e seus pontos de vista. Dessa forma, a prática de uma educação intercultural requer a criação de metodologias e instrumentos que busquem dar conta da complexidade das relações humanas, entre indivíduos e culturas diferentes (ibidem, 2002), daí a *necessidade de reinventar o papel e o processo de formação de professores(as)*, sugerido por Fleuri (2002, p.78).

A educação intercultural parte do princípio da importância das relações entre as culturas e, não, na sua exploração como objeto de estudo. Para a perspectiva intercultural o sujeito, os saberes e as experiências que ele constrói, a partir de suas relações, são o foco do processo educativo. Nesse sentido, o que busca é, como bem afirma Fleuri (2003, p. 94), apoiado nas ideias de Terranova, a “possibilidade de *respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule mas que ative o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus respectivos contextos.*” Para tal, há que se recriar e reinventar algumas práticas pedagógicas, como, por exemplo, aquelas já cansadas e tristes, que teimam em tratar todas as pessoas e espaços como iguais, sem considerar suas particularidades e singularidades. Um bom lugar para se começar a mudança é por nós mesmos. Repensando nossas práticas, a importância delas para nosso estar no mundo e para as outras pessoas *com* quem e *para* quem, construímos e pensamos toda ação educativa. Pois, segundo Paulo Freire (2001), na Sétima Carta de sua obra *PROFESSORA SIM tia NÃO*, se quisermos ser ouvidos temos que aprender, antes, a ouvir. Dessa forma estaremos caminhando para a construção de um espaço dialógico (FREIRE, 1970), e para a possibilidade de uma educação intercultural (FLEURI, 2003), onde tanto educador, quanto educando, possam atuar juntos na construção do espaço pedagógico, considerando nessa relação suas diferenças. Cada pessoa tem o seu jeito de olhar e pensar o mundo, construído a partir de sua cultura e da forma como estabeleceu suas relações com a mesma. Considerar tal particularidade, aceitando-a como legítima, sem desconsiderar sua complexidade, buscando entender que são diferentes formas de perceber o mundo e estabelecer suas relações nele, é o propósito da educação intercultural. Segundo Fleuri a educação intercultural propõe:

Uma relação que se dá não abstratamente, mas entre pessoas concretas. Entre sujeitos que decidem construir contextos e processos de aproximação, de conhecimento recíproco e de interação. Relações estas que produzem mudanças em cada indivíduo, favorecendo a consciência de si e reforçando a própria identidade. (FLEURI, R. M. E SOUZA, M. I. P. de. 2003: 73; Apud. FLEURI, 2002:78).

O processo antropofágico que vem sendo apresentado, contribui para a viabilização desse espaço na medida em que propõe conhecer o outro, o estrangeiro, olhando-o com olhos livres, para, assim, estabelecer relações com este outro e conhecê-lo/devorá-lo. A antropofagia oswaldiana, propõe um diálogo entre as diferentes culturas, sem imposição de verdades, hábitos ou costumes. Diálogo este necessário para uma educação voltada a sua realidade, capaz de fazer a contextualização de seu tempo e de seu povo. A escola, nesse sentido, como muito bem sugere Azibei (2003, p. 87), poderia, buscar “compreender não só o que cada um quer dizer, mas também os contextos culturais a partir dos quais seus atos e suas palavras adquirem significados”. Para tal ato sugerido pela autora, é preciso que nós, mulheres e homens, educadores e educadoras, estejamos dispostos a voltar nossos sentidos – olhos, ouvidos, tato, cheiro e paladar - para a realidade de cada contexto. É preciso que aprendamos e nos disponibilizemos a fazer a leitura das diferentes realidades, construídas nas relações entre as diferentes pessoas e sua cultura. É de acordo com a forma como estabelecemos as relações com o outro, e como agimos diante dos encontros e confrontos entre aquilo que nos é estranho e desconhecido que percebemos o mundo e construímos nosso ritmo e gingado.

Nesse sentido, a antropofagia, através dos pressupostos de devoração e da criação, propõe olhar com olhos livres as diferentes possibilidades do relacionar, do criar, do viver e do educar. Tais pressupostos auxiliam na busca de alternativas para lidar com os problemas e desafios de cada espaço educativo, possibilitando a construção de uma educação intercultural. Como diria Hélio Oiticica, “só existe o grande mundo da invenção”, e nós brasileiros temos uma imensidade de fios soltos para tecer uma educação e uma pedagogia nossa. Característica. Basta para isso, lançarmos mão daquilo que temos a nossa disposição. A ideia do Parangolé, nos mostra essa possibilidade de criação, trazendo uma importante contribuição para pensarmos a educação. A partir daquilo que temos, o nosso corpo, e do que nos é oferecido, os panos que constituem o parangolé, é possível fazer coisa nossa e

única, pois não existe nenhuma pessoa igual a outra. Somos todos diferentes. Dentre as tantas colocações e posições defendidas pelos autores, considero como um dos componentes mais importantes para a educação, e para a formação de professores(as) em particular, - e que foi uma marca na prática criativa e inventiva de Hélio Oiticica em seu devir antropofágico - o apelo, a disposição para a participação, para a reinvenção, para a criação a partir do vivido e do experienciado. As proposições de experimentação e participação trazidas por Hélio Oiticica, assim como os pressupostos antropofágicos, tem muito a contribuir para pensarmos a educação de maneira geral, e à formação de professores(as) de forma particular. Elas nos instigam a pensar a construção de nossas práticas educativas, que, muitas vezes, entendem o educando como expectador do processo de ensino aprendizagem. A “educação bancária”, criticada por Paulo Freire na década de 1980, ainda é uma prática recorrente na educação brasileira. O educando, assim como o educador é construtor do espaço educativo. É ele, o educando, que dá vida a escola, que dá vida às práticas educativas propostas pelo educador. Assim como o Parangolé - que só se completa com o movimento do corpo, e com as marcas e registros que este corpo carrega - o espaço educativo, ou melhor, a ação educativa, só se completa com o movimento que os educandos fazem no sentido da construção do seu conhecimento. Construção esta, que é feita, a partir do “saber da experiência feito” (FREIRE, 2003) que o educando traz consigo para completar ou compor essa série de obras de arte que é a escola.

Desta participação é que pode surgir o novo, o inusitado. Criando-se, assim, as possibilidades para o agenciamento de novas realidades. Contudo, para que isto ocorra é necessário à disposição para a mudança, para abertura ao risco. Como desafiava Oiticica, sempre que lhe perguntavam de onde vinha sua “inspiração” criativa

A minha posição foi sempre de que só o experimental é que interessa, a mim não interessa nada que já tenha sido feito... a meu ver, tudo isto é prelúdio para o que eu quero fazer, um novo tipo de coisa que não tenha nada que ver com os modelos, do que se chamou e se conheceu” (OITICICA 2009: 100).

Fica aqui o convite à formação de professores(as) de maneira geral e, em particular para o trabalho com as artes, para que façamos uma tradução devorativa da forma de pensar e fazer arte, proposta pelos antropófagos e por Hélio Oiticica, para as nossas práticas pedagógicas, didáticas e/ou metodológicas. Pensar antropofagicamente e inventivamente é o desafio deixado aqui a todos e todas educadores e educadoras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASBSURI, M. **O Hélio não tinha Ginga**. In: Fios Soltos: a arte de Hélio Oiticica. BRAGA, P (Org). São Paulo. Editora Perspectiva, 2008.

ANDRADE. O. Manifesto Poesia Pau-Brasil. **Correio da Manhã**. São Paulo, Março 1924.

\_\_\_ Manifesto Antropófago, **Revista de Antropofagia**, ANO I, N° I. Piratininga, Maio, 1928.

\_\_\_ Os Dentes do Dragão: entrevistas. Obras completas, 2 ed. São Paulo. Globo, 1990.

\_\_\_ **Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias**. Obras Completas. V.6. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1972.

\_\_\_ **Estética e Política**. São Paulo, Globo, 1992.

AZIBEIRO, N. E. **Educação Intercultural e complexidade: desafios emergentes a partir das relações em comunidades populares**. In: Educação Intercultural: mediações necessárias; FLEURI, R.M. (Org). Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

ANDRADE .R. História Devorada. In: Edited by Elke Aus Dem Moore and Giorgio Roma, **ENTRE PINDORAMA** Verlag für moderne Knst Nürnberg, 2005.

BOAL, A. A Estética do Oprimido. Rio de Janeiro. Garamond, Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), 2009.

BOPP, R. Vida e Morte da Antropofagia. Rio de Janeiro. Editora José Olímpio, Coleção Sabor Literário, 2008.

CANCLINI, N, G. Culturas Híbridas. São Paulo, 4 ed. Tradução Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. Edusp, 2003.

\_\_\_ **Consumidores e Cidadãos.** Rio de Janeiro. UFRJ, 2006.

FAVARETO, C. **A Invenção de Hélio Oiticica.** São Paulo. FAESP, 2000.

\_\_\_ **Tropicália: alegoria alegria.** São Paulo. Atelie Editorial, 3º Edição, 2002.

FLEURI, R. M. **Intercultura: estudos emergentes.** (org) FLEURI. R.M. Ijuí. UNIJUI, 2002.

\_\_\_ **Educação Intercultural: mediações necessárias.** In: Educação Intercultural: mediações necessárias; FLEURI, R.M. (Org). Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

FLEURI, R.M E SOUZA, M. I. P. de. **Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural.** In: Educação Intercultural: mediações necessárias; FLEURI, R.M. (Org). Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1970.

\_\_\_ **Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo. OLHOd'agua, 2001.

\_\_\_ **A importância do Ato de Ler.** Coleção Questões da nossa Época. São Paulo. Cortez, 2003.

HALL, S. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 1997.

MALTZ, B. Antropofagia: Rito, Metáfora e Pau-Brasil. In: FERREIRA, S.; MALTZ, B.; TEIXEIRA, J.; (Orgs.) **Antropofagia e Tropicalismo**. Porto Alegre - RS. Editora da Universidade/UFRGS, 1993.

MATURANA, R. H. **Emoções e Linguagens: na educação e na política**. Belo Horizonte - MG. UFMG, 2002.

NEVES, A. Tropicalismo: movimento, mito escola ou cafajestada sob encomenda?. In: Encontros Tropicália. D'OREY, F; COHN, S; COELHO, F. (Ogs). Rio de Janeiro. Beco do Azougue Editorial, 2009.

OITICICA, H. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro. Rocco, 1986.

\_\_\_ **Encontros**. Rio de Janeiro. Beco do Azougue Editorial, 2009.

SANTOS, B.S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. São Paulo V I, 4º ed. Cortez, 2002.

SPERLING, D. **Corpo + Arte = Arquitetura**. In: Fios Soltos: a arte de Hélio Oiticica. BRAGA, P (Org). São Paulo. Editora Perspectiva, 2008.

**Ivete Souza da Silva**

Pedagoga, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE-UFSM). Bolsista CAPES-CNPq. Pesquisadora do Núcleo KITANDA: Educação e Intercultura. Coordenado pelo Prof. Dr. Valdo Barcelos, orientador desta pesquisa, e pelo Prof. Dr. Celso Henz.